

O “stress” espiritual

Normalmente tudo aquilo que é repetitivo, tende a trazer monotonia e por conseqüência o fastio.

Em Is.43:21 e 22 vemos retratado o fastio de Israel com relação a Jeová através da seguinte declaração: “Esse povo que formei para mim, para que me desse louvor, contudo tu não me invocaste a mim, ó Jacó, mas te cansaste de mim, ó Israel”.

O povo de Israel enfatiou-se do “maná” enviado por Jeová durante a peregrinação no deserto e passou a lembrar com saudades dos pepinos, melões, cebolas e alhos que comiam no Egito enquanto estavam no cativeiro (Nm.11:5 a 10).

Em Nm.21:5 esse povo questionou Moisés pelo fato de estarem enjoados de comer aquilo que eles designaram “pão vil”.

Com certeza, eles avaliaram que apesar da condição de escravos no Egito, lhes era reservado o direito de terem uma alimentação mais variada e saborosa.

No começo, aquele “maná” foi uma maravilha! Enquanto era novidade, o povo o colhia e o moía, assando-o em panelas e fazendo bolos (Nm.11:7 a 9).

Porem, como tudo que é repetitivo, aquele alimento acabou causando fastio e enfado, especialmente para os mais exigentes dentre o povo.

O “maná” continuava lhes alimentando perfeitamente, mas depois de algum tempo já não era comido com o mesmo prazer do início e acabou sendo vilipendiado.

Embora aquele pão caísse do céu, Jesus disse que o verdadeiro pão do céu só poderia ser dado pelo Pai (Jo.6:31). Logo a seguir, no verso 33, Jesus se identifica com esse pão verdadeiro, afirmando que não somente descia do céu, mas que dá vida ao mundo.

O pão material é alimento para o corpo enquanto que o pão espiritual é alimento para a alma. Muitos seguiam a Jesus simplesmente por causa do interesse pelo pão material (Jo.6:26 e 27).

Quando Jesus foi tentado no deserto, afirmou que há distinção entre esses dois tipos de pães (Mt.4:4). Ao pão que dá vida e alimenta a alma, Jesus identificou-o com a Palavra de Deus.

Assim como os israelitas se enfatiaram do “maná” no deserto, um cristão pode se enfatiar do verdadeiro pão do céu que é a Palavra de Deus. Nesse caso, aquilo que no início de sua aproximação de Deus maravilhava, agora enfatia e causa “stress espiritual”.

Com o passar do tempo, as mensagens pregadas tornam-se cansativas e as músicas dos louvores parecem ser muito repetitivas. Os líderes e dirigentes das igrejas tem de usar muita criatividade para estar sempre trazendo novidades que quebrem a monotonia para os enfatiados.

Não existe absolutamente o “prazer na lei do Senhor, de dia e de noite” descrito no Salmo 1:2.

Acabou o “primeiro amor”, como menciona Ap.2:4 e 5. Os testemunhos já não chamam mais a atenção, por mais fantástica que tenha sido a cura ou o milagre operado. Nessa fase, muito provavelmente o indivíduo já está enjoado do dirigente, da igreja, dos cultos, da rotina do dia, do serviço, dos filhos e até da mulher.

Muitas pessoas abandonam o Evangelho por causa da atração pelo “sabor novo” ou mesmo do “sabor da velha vida”, porque na realidade não foram efetivamente libertos, mas sim apenas tolhidos temporariamente daqueles prazeres de outrora.

Deus quer que o mesmo ânimo e a mesma prontidão do início de nossa carreira com Deus permaneça até o fim (II Co.8:11). Por isso mesmo, em I Co.15:58 Paulo diz: “sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor”. Isso ocorre na medida em que não nos amoldamos aos padrões massificantes deste mundo (Rm.12:2) e vamos sendo renovados a cada dia pelo Espírito Santo.

Somente assim a sensação de fastio e monotonia vai findar e tudo vai ganhar um sabor novo e agradável, ainda que na sua aparência nada mude.

Oswaldo Carvalho